

## O SENTIDO DA PALAVRA “POETA” NO POEMA “AUTOPSILOGRAFIA” DE FERNANDO PESSOA

*Joyce Maria Sandes-da-Silva<sup>1</sup>*

*Adilson Ventura da Silva<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente estudo objetiva analisar os sentidos do elemento linguístico “poeta” no poema “Autopsicografia” da autoria de Fernando Pessoa. Para tanto, esse estudo se situará teoricamente na Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães. A partir desta teoria, poderemos observar o Domínio Semântico de Determinação, ou seja, com quais palavras “poeta” se articula no texto, levando em conta os conceitos de *reescritura* e *articulação*.

**Palavras-Chave:** Semântica. Poeta. Acontecimento. Determinação.

**Abstract:** *The study aims at analyzing the meanings of the linguistic element “poet” in the poem “Autopsicografia” by Fernando Pessoa. To this end, the study will be grounded in the theory of Semantics of the Events, proposed by Eduardo Guimarães. From this theory, we can observe the Semantic Domain of Determination, that is, the words with which the linguistic element “poet” is articulated in the text, taking into account the rewriting and articulation concepts.*

**Keywords:** *Semantics. Poet. Event. Determination.*

Este trabalho tem por objetivo observar os sentidos da palavra *poeta* em um texto específico, que é um poema de Fernando Pessoa, intitulado “Autopsicografia”. O interesse por esse assunto se deu por, ao entrar em contato com a teoria da Semântica do Acontecimento, perceber que a palavra, em textos específicos, possui sentidos diferentes. Assim, também motivados pelo interesse particular em poesias, pretendemos produzir a análise deste poema a partir de uma linha teórica diferente da Literatura. Com isso, temos a possibilidade de observar o funcionamento enunciativo que produz os sentidos de determinadas formas linguísticas, o que pode ajudar no entendimento do funcionamento linguístico de modo geral, e semântico em particular.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela UNICAMP; professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Para este artigo, em um primeiro momento, vamos apresentar a linha teórica na qual se insere o nosso trabalho e, em um segundo momento, iremos apresentar a análise que produzimos.

### **A semântica do acontecimento**

De acordo com Guimarães (2002), a Semântica do Acontecimento coloca que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer. Vale ressaltar que o autor preza por pensar o sentido historicamente e não como uma ação particular em uma situação particular.

Desse modo entende-se que, ao analisar uma forma, se faz necessário observá-la em um enunciado, enquanto enunciado de um texto, ou seja, em uma relação que se dá por meio de uma passagem não segmental do enunciado para o texto, a qual permite que o elemento linguístico faça parte de uma unidade de sentido maior ou mais ampla do que a que possui se for levado em conta somente o enunciado. Desse modo, o sentido de uma expressão linguística não é referencial, não podendo assim ser apresentado a partir do conceito de verdade; fato que faz com que o significado de uma determinada expressão só tenha significado no enunciado através das relações que estabelece com o acontecimento do qual faz parte.

Em sua definição de enunciação, o estudioso a concebe como um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua.

Os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam. Neste sentido, falantes não são as pessoas na atividade físico-fisiológica, ou psíquica de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2002, p. 18).

Entendido dessa maneira, o falante deixa de ser uma figura empírica e passa a ser uma categoria linguística e enunciativa, ou seja, o falante passa a ser concebido como uma figura linguística que, por ser constituída pelos espaços de enunciação, deve ser integrado às figuras da enunciação.

Segundo o estudioso, espaços de enunciação são espaços políticos nos quais os sujeitos (falantes) são divididos por seus direitos ao dizer, como também pelos seus modos de dizer; ou seja, os espaços de enunciação se constituem enquanto espaços de funcionamento de línguas, as quais estão em um incessante processo de divisão e transformação.

O Espaço de enunciação é assim decisivo para se tomar a enunciação como uma prática política e não individual ou subjetiva, nem como uma distribuição estratificada de características. Falar é assumir a palavra neste espaço dividido de línguas e falantes. É sempre, assim, uma obediência e/ou uma disputa. Se é que se pode falar em simples obediência. Enunciar é estar na língua em funcionamento. E a língua não funciona no tempo, mas pelas relações semiológicas que tem. A língua funciona no acontecimento, pelo acontecimento, e não pela assunção de um indivíduo (GUIMARÃES, 2002, p. 22).

Guimarães (2002) se atenta, ainda, para o fato de os falantes serem pautados por agenciamentos enunciativos, os quais são configurados politicamente. Nesse sentido, o autor aponta que a língua agencia a enunciação, ao passo que a enunciação, por sua vez, agencia, politicamente, o acontecimento. Tal fenômeno se dá pelo fato de o agenciamento não ser fruto de uma coletividade, mas sim algo que, por ocorrer em conformidade com os espaços de enunciação, é afetado politicamente.

Na cena enunciativa, os modos específicos de acesso à palavra são constituídos mediante as relações estabelecidas entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas. Ao caracterizá-la, o autor afirma ser esta um espaço particularizado no qual os lugares de enunciação são distribuídos deontologicamente. Desse modo, “na cena enunciativa ‘aquele que fala’ ou ‘aquele para quem se fala’ não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 23).

O estudioso apresenta três figuras que irão caracterizar a Cena Enunciativa, a saber, o Locutor, o locutor-x e o enunciador. O Locutor é o lugar representado no próprio dizer como fonte desse dizer, o qual representa o tempo do dizer como um tempo contemporâneo. O locutor-x é o lugar social do dizer, ou seja, o lugar social que ocupa, sendo caracterizado como, por exemplo, o locutor-professor, o locutor-presidente, o locutor-presidiário, etc. Temos também o enunciador, que é o lugar do

dizer, o qual apaga para o Locutor que ele fala de um lugar social. Para melhor definir o enunciador, Guimarães o caracteriza segundo três definições: como enunciador-individual, enunciador-genérico e enunciador-universal. O enunciador-individual é concebido pelo autor como a representação de um lugar no qual se está acima de todos e no qual a enunciação independe da história devido à representação da individualidade a partir da qual se pode falar. No caso do enunciador-genérico, o enunciador não está acima de todos, mas sim agindo em conformidade a todos, ou seja, é o lugar do dizer no qual o enunciador se mostra como um indivíduo que decide falar tal como os demais indivíduos. Por sua vez, o enunciador-universal representa o lugar no qual o Locutor se mostra como aquele que detém o jugo do falso e do verdadeiro. Esse lugar enunciativo é frequentemente ocupado pelo discurso científico, mas não possui exclusivamente a este.

No que se refere ao acontecimento, o pesquisador se vale de quatro elementos para a sua conceituação, os quais são: a língua; o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua na qual enuncia algo; a temporalidade do acontecimento, a qual se autoinstala sem que seja necessária a ação do sujeito; e, por último, o real no qual o dizer se expõe ao falar dele. Esse real não diz respeito à contextualização, mas sim à materialidade histórica do real. Isso nos leva a crer que a enunciação não pode ser feita por um ser físico em um mundo meramente físico, mas por um ser afetado pelo simbólico em um mundo vivido através do simbólico.

Dito essas coisas, entende-se que, segundo Guimarães (2002), o sentido da linguagem não é construído pelo sentido determinado pelas partes de uma expressão linguística, mas sim pelo modo de relação estabelecido entre essa expressão e as demais expressões do texto. Pois, apenas dessa maneira, será possível deixar intervir na descrição do sentido os rememorados que os diversos pontos de um texto recortam.

Segundo essa perspectiva, entende-se que a determinação do sentido não se dá mediante os sentidos estabilizados, mas mediante os sentidos que circulam no funcionamento textual, os quais são bem definidos pelo Domínio Semântico de Determinação (doravante DSD).

De acordo com Machado (2011), o DSD é uma representação da designação da palavra no texto no qual esta está inserida, tal designação é a significação resultante das relações de sentidos estabelecidas pela história de enunciações de uma palavra que,

através do memorável, é retomada, em parte, pelo acontecimento enunciativo. Da mesma sorte, o DSD se constitui enquanto um gesto de interpretação a partir das análises das reescrituras e articulações, as quais contribuem ativamente com a constituição da designação.

Segundo a autora, entende-se por reescritura um procedimento de retomada pelo qual ocorre a textualidade, produzindo a polissemia e tecendo os sentidos. Tal fenômeno acontece a partir da repetição do mesmo como algo diferente de si, e, nesta tensão entre o mesmo e o diferente, são produzidos outros sentidos no acontecimento enunciativo. Vale ressaltar que a reescritura não está limitada apenas ao funcionamento sintático das palavras, mas esta também se vale das relações de sentido historicamente constituídas.

Machado (2011) apresenta seis tipos de reescritura, os quais são respectivamente, por repetição, por substituição, por elipse, por expansão, por condensação e por definição. Entende-se como reescritura por repetição o uso repetitivo de uma mesma palavra em um texto. Reescritura por substituição se refere à substituição de uma palavra por meio de uma relação de sinonímia produzida pelo acontecimento da enunciação, valendo ressaltar que essa relação de sinonímia não é preestabelecida, ou seja, não ocorre fora da enunciação. Na reescritura por elipse ocorre uma supressão da palavra devido ao fato de esta já ter sido mencionada no texto. Já na reescritura por expansão o que ocorre é a reescritura de uma palavra através de um enunciado inteiro ou por uma expressão que lhe expande os sentidos. O inverso disso (da reescritura por expansão) irá ocorrer na reescritura por condensação. Por fim, reescritura por definição é quando um predicado, articulado à palavra, a define.

No que se refere à articulação, a estudiosa a define como um procedimento que, assim como a reescritura, estabelece a determinação de uma palavra. Desse modo, a articulação irá estabelecer relações entre duas palavras ou expressões, as quais não podem ser reescrituradas, mas que possuem elementos de sentidos que se relacionam no acontecimento.

Da leitura que Machado (2011) faz de Guimarães (2007), entende-se que a articulação se refere a relações próprias das contiguidades locais, ou seja, diz respeito ao modo como o funcionamento de certas formas consegue afetar outras que não podem ser reditas.

A fim de que possamos compreender melhor o funcionamento dos conceitos e definições apresentados em todo acervo teórico disposto acima, analisaremos um dos poemas do nosso ilustre escritor, Fernando Pessoa. Poema este intitulado como “Autopsicografia”.

## **Análise**

Fernando Pessoa  
Cancioneiro

### **Autopsicografia**

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

Um dos pontos a serem observados é o memorável que a palavra *poeta* recorta neste poema. Esta palavra possui memoráveis diferentes, a saber, romantismo, idealismo, empatia, belo, harmonia, alegria, sinceridade, verdade, lealdade, paixão, pureza, honra, dentre outros; o que poderia dificultar a nossa análise acerca desta

questão. Todavia, devido o fato de, no referido texto, *poeta* estar ligado à ideia de sofrimento, real ou imaginário, concluímos que o memorável recortado é o de sofrimento. Assim, para a construção do DSD desta palavra, já temos uma primeira representação, em que *poeta* é determinado por *sofredor*:

#### POETA |- SOFREDOR

Além do recorte do memorável, observamos o funcionamento de outros conceitos da Semântica do Acontecimento ao longo de todo o poema. Logo na primeira estrofe, notamos uma reescritura por expansão da palavra *poeta*, ou seja, a palavra *poeta* é reescrita nos quatro primeiros versos, e, com isso, se é fornecido uma explicação para esta palavra mediante tal reescritura. Sendo assim, todos os quatro primeiros versos vão determinar poeta, ou seja, eles vão predicar o que é poeta, como podemos observar a seguir:

“O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir dor  
A dor que deveras sente”

No primeiro verso, temos por reescritura da palavra *poeta* uma oração que lhe expande os sentidos, “é um fingidor”. Nessa reescritura se é feita uma relação de igualdade na qual o sentido da palavra *poeta* é determinado pelo sentido de palavra *fingidor*, algo que deixa implícito que todo *poeta* é um *fingidor*, da mesma sorte que todo *fingidor* é um *poeta*, de forma que ser *poeta* é ser *fingidor*; como na representação abaixo.

#### POETA |- FINGIDOR

No verso seguinte, o sentido da palavra *poeta* é expandido pelo enunciado “finge tão completamente”. Nessa reescrituração, o sentido apresentado é o de que *fingir completamente* é ser *poeta*, como na representação a seguir.

#### POETA |- FINGIR COMPLETAMENTE

No entanto, notamos ainda uma relação entre a primeira e a segunda reescrituração, de maneira que *fingir completamente* não se delimita ao sentido do *ser poeta*, mas também ao sentido do *ser fingidor*, mesmo porque, no texto em questão, *ser poeta* é *ser fingidor*. Nessa perspectiva, podemos conceber a seguinte representação:

#### POETA |- FINGIDOR | FINGIR COMPLETAMENTE

No terceiro verso, “que chega a fingir que é dor” é o enunciado utilizado para expandir o sentido da palavra *poeta*, de maneira que *ser poeta* é *fingir dor*, como podemos observar na representação a seguir:

#### POETA |- FINGIR DOR

Assim como ocorre com a reescrituração do segundo verso, a reescrituração contida no terceiro verso também está relacionada com a primeira reescrituração, ou seja, *fingir dor*, além de expandir o sentido da palavra *poeta*, expande o sentido da palavra *fingidor*, algo que nos dá a seguinte representação:

#### POETA |- FINGIDOR | FINGIR DOR



O último verso traz em si o enunciado “a dor que deveras sente”, enunciado este que, além de expandir o sentido de *poeta* como aquele que *sente dor*, recupera o memorável de sofrimento recortado neste poema. Observe a representação:

POETA |- SENTIR DOR ou POETA |- SOFREDOR

A partir da análise da primeira estrofe, podemos construir a primeira parte do DSD da palavra *poeta*, a qual tem seu sentido determinado por reescritura através da palavra *fingimento* e por memorável através palavra *dor*.

Fingimento ⊣ Poeta ⊣ Dor

No entanto, no texto em questão, *poeta* recorta como memorável uma dor que pode ser sentida ou fingida, ou seja, uma dor real ou imaginária; algo que nos leva a ampliar essa primeira representação do DSD para a seguinte:

Fingimento ⊣ Poeta ⊣ Dor ⊣ Real

⊣  
Imaginário

Na estrofe seguinte, logo no primeiro verso, encontramos a palavra *leitor*, a qual estabelece uma relação de oposição à palavra *poeta*, de forma que *poeta* se constitui enquanto a pessoa que escreve e *leitor* enquanto a pessoa que lê.

“E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm”

Todavia, os versos seguintes revelam que, embora *poeta* e *leitor* sejam opostos, o sentido de ambos estão articulados ao memorável *dor*, com a diferença de que o

recorte de *dor* para *leitor* é apenas imaginário. O que nos leva à segunda representação do DSD:

Fingimento ⊣ Poeta ⊣ Dor ⊣ Real

⊥  
imaginário

---

Leitor ⊣ dor ⊣ imaginário

Por sua vez, a última estrofe traz em si outras determinações para *poeta*:

“E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração”

Temos aqui uma articulação bastante interessante, pois, embora *leitor* e *poeta* possuam uma relação de oposição, ambos são determinados, de igual modo, pelas palavras *razão* e *coração*. Desta forma, levando em conta o memorável e a reescrituração por expansão, chegamos ao DSD final da palavra *poeta* neste texto de Fernando Pessoa:

Razão---Coração

⊥

---

Fingimento | Poeta | Dor | Real

┌  
imaginário

---

Leitor | dor | imaginário

┌  
Razão---Coração

Podemos observar também mediante análise do poema em questão a presença da Cena Enunciativa, na qual o Locutor se apresenta como locutor-poeta, ou seja, ele se coloca em um lugar de quem faz poesia. Porém, para que este lugar não apareça para o Locutor como um lugar social, temos a figura do enunciador que, neste caso, é o enunciador-universal, visto que seu poema visa estabelecer um jugo do que é ser poeta.

### Considerações finais

A análise deste poema nos permite constatar que o sentido de uma palavra em um texto não pode ser tomado apenas como um sentido dicionarizado, mas, sobretudo, a partir das relações estabelecidas por essa palavra no interior do texto, ou seja, ela passa a integrar um enunciado e a significar a partir das relações que estabelece com o acontecimento do qual faz parte.

A partir da análise das reescrituras e das articulações desta palavra no texto, podemos estabelecer o seu DSD neste texto específico, além de observar a Cena Enunciativa, a qual também constitui o sentido dessa palavra. Como também, por meio das relações efetuadas entre a palavra *poeta* e as demais expressões linguísticas presentes no texto se faz possível inferir que o memorável recortado por este elemento linguístico no poema em questão seja o de sofrimento.

Enfim, a análise deste poema de Fernando Pessoa nos permitiu constatar que o sentido de um texto não está preso aos sentidos engessados dos elementos linguísticos que o integram, mas sim determinado pelas relações que estes elementos estabelecem

entre si e entre o acontecimento do qual fazem parte, ratificando dessa maneira os postulados de Eduardo Guimarães (2002).

## **Referências**

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. “Domínio Semântico de Determinação”. *A Palavra: Forma e Sentido*. Campinas, RG/Pontes. 2007.

MACHADO, C. P. P. *Política e sentidos da palavra preconceito: uma história no pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX*. Tese de Doutorado. Campinas, SP. 2011.